

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO (1929-1946)

Criada com o objetivo de "preparar e aperfeiçoar os candidatos ao magistério normal, à assistência técnica do ensino e às diretorias dos grupos escolares", a Escola de Aperfeiçoamento foi um dos pontos altos da Reforma Francisco Campos- Mário Casasanta (1927-1929).

Seu corpo docente, altamente especializado, compunha-se de professores brasileiros (Alda Lodi, Amélia de Castro Monteiro, Benedita Valadares, Lúcia Monteiro Casasanta, Iago Pimentel, etc) e europeus (Helena Antipoff, Jeanne Milde, etc). Este grupo, pautando-se nas idéias de Claparède, Dewey, Kilpatrick, Decroly, Piaget, Cousinet, etc, fez da Escola de Aperfeiçoamento um laboratório de pesquisas e experimentação e o principal foco de irradiação das idéias escolanovistas no país.

Nela se destacaram:

- Os estudos sobre o processo de aprendizagem infantil desenvolvidos por Helena Antipoff, no Laboratório de Psicologia (o 1º do país).
- A nova orientação metodológica introduzida no currículo das escolas mineiras através do Método de Projetos, do Método Global no ensino da leitura e da escrita (Lúcia Casasanta) e do destaque da Arte no processo educativo (Artus Perrelet e Jeanne Milde).
- A consideração da aprendizagem como um problema essencialmente da escola.

Os ecos de seu trabalho inovador ultrapassaram em muito os meios educacionais.

A Escola de Aperfeiçoamento provocou polêmicas e despertou paixões. O poeta Drummond, arguto observador do que ocorria na sociedade belorizontina na época dedica crônicas e poesias a esta "escola novidadeira, dita de Aperfeiçoamento".

Fechada em 1946, sua linha de atuação se manteve através do curso de Administração Escolar do Instituto de Educação de Minas Gerais. E sua influência se fez sentir até os anos 60, nos critérios para abordagem das questões educacionais, no cunho impresso à formação dos professores, nos programas e métodos de ensino, nos manuais escolares.

MOCIDADE SOLTA

AS MOÇAS DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

São cinqüenta, são duzentas,
são trezentas
as professorinhas que invadem
a desprevinida Belô?
São cento e cinqüenta, ou mil boinas azuis e
verdes e róseas, alaranjadas
e negras também roxas,
os lábios coracionais
e os tom pouce petulantes
que elas ostentam, radiosas?
De onde vêm essas garotas?
eu que sei?
Vêm de Poços, de São João
del Rei, Juiz de Fora, Lavras
Leopoldina, Itajubá,
Montes Claros, Minas Novas,
cidades novas de Minas
ainda não cadastradas
no índice Coreográfico
de Pelicano Frade?
E são assim tão modernas,
tão chegadas de Paris
par le dernier bateau
ancorado na Avenida
Afonso Pena ou Bahia,
que a gente não as distingue
das melindrosas cariocas
em férias mineiras?
Que vêm fazer essas jovens?
Vêm descobrir, saber coisas
de Decroly, Claparède,
novidades pedagógicas,
segredos de arte e de técnica
revelados por Helène
Antipoff, Madame Artus,
Mademoiselle Milde, mais quem?
Ou vêm para perturbar
se possível mais ainda
a precária paz de espírito
dos estudantes vadios
(eu, um deles)
que só querem declinar
os tempos irregulares
de namorar e de amar?
Ai, o mal que faz a Minas,
a nós, pelo menos, frágeis,

irresponsáveis, dementes
cultivadores da aérea
flor feminina fechada
em pétalas de reticência,
a Escola novidadeira,
dita de Aperfeiçoamento!
A gente não dava conta
de tanto impulso maluco
doridamente frustrado
ante a pétreia rigidez
dos domésticos presídios
onde vivem clausuradas
as meninas de Belô,
e irrompe essa multitude
de boinas, bocas, batons
escarlates, desafiando
a nossa corda sensível.
Que faz Mário Casassanta,
autoridade do ensino,
que não devolve essas moças
a seus lugares de origem?
Chamo Seu Edgarzinho,
responsável pela Escola.
Que ponha reparo - peço-lhe -
nas crianças do inteiror
que ficaram sem suas mestras.
Convém restituí-las logo
à tarefa habitual.
Ele responde: "São ordens
do Doutor Francisco Campos,
nosso ilustre Secretário
de Educação e Cultura.
Carece elevar o nível
do ensino por toda a parte.
Vá-se embora, não insista
em perturbar nossos planos
racionais."
Vou-me embora. Já na esquina
a boina azul universal
que faz de Belô um céu
pousado em pelúcia verde.
Sua dona, deslizante
entre formas costumeiras
é diferente de tudo
e não olha para mim
deslumbrado, derrotado,
que vou bobo assim.
Não há professora feia?
Pode ser que haja. A vista,
até onde o sonho alcança,
cinge a todas de beleza,
e a beleza, disse alguém,
é mortal como punhal.

Carlos Drummond de Andrade